

Um dia todo meu

A regra dos cinco segundos

Durante a tentativa de combinação de um almoço, uma amiga dizia, mulher, essa correria, final do ano está aí.

Respondi, acho ótimo, virada do segundo semestre, me lembra que está próximo do meu aniversário.

Ela completou, e do Natal.

Quem me conhece, conhece.

Ainda que por mensagem, nos divertimos lembrando deste fato.

Minha satisfação com essas duas datas já não é novidade para quem me conhece um pouco.

Aniversário? Dia de folga e princípio do prazer. Puro id, como diria Freud.

Natal? Casa tal qual os shoppings, enfeites por todos os cantos.

Pouco antes de lançar mão da caneta e do caderno, por volta de quatro e trinta de uma quinta-feira qualquer, penso sobre minhas primeiras lembranças de aniversário.

Chego à primeira, ou uma delas.

Durante a primeira infância, passávamos muitas dificuldades financeiras.

Apenas meu pai trabalhava fora.

Minha mãe era responsável por cuidar de mim e de minha avó, portadora de uma síndrome neurodegenerativa, Síndrome de Machado Joseph (SMJ), que a deixou impossibilitada de andar por mais de vinte anos.

Nos anos próximos ao seu falecimento, ela ficaria acamada e praticamente incomunicável.

Na SMJ, a mente permanece viva até o fim, presa num corpo paralisado.

Dupla penitência.

Ou seja, meus pais tinham muitas despesas e pouco dinheiro.

Quando fiz cinco anos, minha avó faleceu.

Saímos da casa dela e nos mudamos para a nossa casinha, só os três.

Lá era o cenário dos meus primeiros aniversários.

Convidados, pouquíssimos.

O pai nunca estava presente, pois ele só não trabalhava aos domingos.

Os demais dias eram dedicados integralmente à labuta.

Além da minha mãe, um ou outro primo e tias.

Mas antes do evento, de fato, vinha a parte que eu mais gostava, a produção dos docinhos.

Lembro da receita.

Uma lata de leite em pó, minha mãe dizia que tinha que ser de uma marca específica.

Uma lata de açúcar, a mesma medida do leite em pó.

Uma garrafinha de leite de coco.

E para brigadeiros, minha mãe adicionava achocolatado, que também precisava ser de uma determinada marca.

Comprar as forminhas e os ingredientes era um grande evento.

Esse quitute só era saboreado uma vez ao ano.

Seu delicioso sabor ainda me faz salivar mais de 30 anos depois.

Como toda criança, formiga que só, não aguentava esperar até o parabéns para degustar a doce delícia.

Então propus uma condição.

Se algum docinho caísse das minhas mãos durante o preparo, ele não poderia ser servido aos convidados.

Logo, a partir da regra dos cinco segundos, eu poderia juntá-lo e comê-lo.

Nem preciso mencionar a quantidade de doces fugitivos que terminavam escapando pelas minhas mãos.

Um dia blindado

Poucos, muito poucos são os registros dos meus aniversários, seja na infância, seja nos dias atuais.

Em algum momento no meio do caminho, vacilei, precarizei a data.

Fosse pelos arroubos de um filho adolescente, fosse por um amigo magoado, não tratei o meu dia com a importância que ele merecia.

Desde então, baixei um decreto.

Dia 26 do 9 é blindado.

Reduzo o número de variáveis complicadoras.

A família sabe.

Assuntos polêmicos, decisões, chateações, a partir do dia 27 do 9.

No meu dia, acordo a hora que tenho vontade, demoradamente tomo café da manhã, encomendo uma sobremesa de morango com chocolate, vou à praia, contemplo, agradeço, mergulho após mergulho me renovo.

Almoço em casa, o que tiver.

Assisto a um filme, à tarde, normalmente Uma Linda Mulher.

Uso a roupa mais confortável e solta de dentro do guarda-roupa, como se ela me abraçasse.

À tardinha, os parabéns.

A sobremesa de morango, uma vela, meus quatro amores e uma profunda gratidão por mais um ano.

Qual é o cheiro do café?

Durante o período em que fui psicóloga técnica de referência num Centro de Referência da Mulher, acompanhei uma mulher que não comemorava o aniversário.

Mas disso tratarei depois.

Essa mulher, sempre que sentia o cheiro do café passado, coado, desfalecia.

Seu caso era complexo e curioso.

Ela e a família eram acompanhados por toda a rede, CAPS, CRAS, vários profissionais, psicóloga, psiquiatra, assistente social.

Ela, contemporânea a mim, por volta de 35 anos à época.

Tínhamos semelhanças.

Idade parecida, três filhos, marido, cachorro, casa.

Tínhamos diferenças.

Seu rosto parecia ter bem mais idade que o meu.

Dos três filhos, conseguia se comunicar com apenas um.

Sua casa era habitada por outros animais, ratos, que entravam pelas frestas nada modestas do barraco.

Mas voltemos ao café.

Na casa dessa mulher, ninguém bebia café, em razão do seu "pobrema", como ela me dizia.

Pouco a pouco, os relatos chegavam a mim.

Às vezes em meio a lágrimas, às vezes acompanhados de tremores, outras, de dentes e punhos cerrados.

Sempre, porém, atravessados pela violência.

Violência que lhe cortava a carne e o juízo.

Carne que eu podia ver nos cortes que ela mesma fazia, com faca, estilete. Bem como queimaduras, produzidas por chamas de velas, ou pela boca do fogão.

Juízo que eu podia sentir e ouvir.

Dizia que quando guria, o pai trazia amigos para casa, enquanto a mãe estava fora, trabalhando de empregada doméstica.

Era interrompida de sua brincadeira ou atividade doméstica, solicitada a "passar" o café para o pai e seus amigos.

Tão logo subia o cheiro do café ao encontrar a água quente no pó, os abusos iniciavam.

Primeiro do genitor, seguido dos amigos.

Ela não tinha nem nove anos.

Dizia que depois dos primeiros eventos, escondia-se.

Até em cima do casebre em que morava, mas sempre era encontrada. E quando encontrada, os eventos eram ainda piores.

Ao descrever os acontecimentos, quem me contava era a guriazinha que não tinha nem nove anos.

Esfregava um braço no outro, as mãos uma na outra, balançava-se na cadeira.

Por vezes levantei durante o atendimento e abracei aquela pequena menina, que virava quase uma bolinha envolta em meus braços.

Nos dias em que eu a atendia, precisava ficar mais quieta, fosse no hotel onde pernoitava, fosse ao chegar em casa.

Dela nunca falei, nem em supervisão.

O relato dessa mulher provocava muito ruído em mim.

Pensava também na minha pequena filha, em mim, com pouca idade.

Seu acompanhamento psicológico era intermitente.

Sempre que eu me aproximava mais, ela escapava.

Semanas depois, retornava.

Um dia qualquer

Outro dia, li a Conceição Evaristo, Olhos d'água, livro que considero uma obra-prima.

O capítulo era “Di lixão”.

Na passagem, a autora trata de um personagem morador de rua, de 15 anos.

O protagonista refere que, no mês anterior, num dia qualquer, havia aniversariado. Achei forte e profundamente triste.

O pobre jovem da história encerra seu capítulo, concreto e simbólico; só, caído numa calçada.

Da mesma maneira que um outro alguém, sem nome, sem rosto, que passou por mim; ou melhor, que eu passei por ele.

O último, mais afortunado que o primeiro, tinha por testemunha um cão e outro colega, de casa-marquise, para chorar sua partida, ao lado do rabecão.

Lembrei da mulher que não comemorava aniversário e não podia sentir o cheiro do café.

Em um de nossos últimos encontros terapêuticos, descreveu o episódio em que reconheceu o corpo do genitor.

“Dotora, ele tava num saco preto e eu não senti nada”.

Os punhos e dentes não estavam cerrados, as lágrimas não escorriam.

Dia para celebrar ou dia para temer?

Na clínica, datas como aniversário costumam ser bastante mencionadas.

Alguns celebram em grandes festas, repletas de sorrisos, familiares e amigos.
Outros dizem preservar em segredo, manter como um outro dia qualquer.

Suspeito que o aniversário e a morte tratem de fenômenos bem menos diferentes
do que supomos.

Talvez sejam bastante aparentados, inclusive.

Ambos são acontecimentos únicos.

Cada nascimento é único.

Cada vida também.

Cada morte, igualmente.

Ninguém pode fazer pelo outro.

Ninguém pode viver pelo outro.

Nem morrer.

São acontecimentos inevitáveis.

E quando o nosso dia chega, desejamos estar acompanhados por alguém que nos
ama e que também amamos.

Nunca sós.

Di lixão, da história de Conceição, e a mulher que não podia cheirar café.

Dois personagens que não celebravam seus aniversários.

Dois modos de se encontrar diante da própria existência.

Alguns encontros clínicos cruzam o limiar da identidade, do querer-se bem ou mal, da importância ou desimportância dada a si.

Talvez a fuga do aniversário seja grávida de uma experiência muito mais profunda e existencial:

o medo.

O medo da solidão, o medo de, em última análise, se encontrar sem ninguém, seja para chorar ao celebrar a nossa vida, seja para chorar ao lamentar a nossa partida.